

6. Natalino Ferreira Mendes e o exorcismo do esquecimento

*João Edson de Arruda Fanaia*¹⁶

RESUMO: O artigo analisa a obra de Natalino Ferreira Mendes sob a perspectiva de sua contribuição historiográfica para o que atualmente categorizamos como história local. Para este intento foram selecionadas três obras do autor onde podemos observar a forte presença do acontecimental, da cronologia e de personagens diversos da cidade de Cáceres. Procuramos, sobretudo, verificar o modo como o escritor constrói suas narrativas entremecendo fontes diversas e o trabalho memorialístico, assim como a fluidez de sua escrita.

Palavras-Chave: História; Memória; Poder; Educação.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

NATALINO MENDES AND THE EXORCISM OF FORGETFULNESS

ABSTRACT: The article analyzes the work of Natalino Ferreira Mendes from the perspective of his historiographical contribution to what we currently categorize as local history. For this purpose, three works by the author were selected where we can observe the strong presence of the event, chronology and different characters from the city of Cáceres. Above all, we seek to verify the way in which the writer constructs his narratives by interweaving different sources and memorialistic work, as well as the fluidity of his writing.

Keywords: History; Memory; Power; Education.

Introdução

O leitor interessado em percorrer as obras de Natalino Mendes vai deparar com acontecimentos, personagens, datas e referências à espacialidade da cidade de Cáceres, porém não vai encontrar em seus trabalhos pretensões teóricas, conceitos, análises e demais procedimentos considerados fundantes

¹⁶ Professor aposentado do Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Mestre pela Universidade de Brasília (UnB) e doutor pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) com pesquisas em história política da Primeira República e os anos 1930. E-mail: jefanaia@gmail.com

no trabalho de construção da operação historiográfica. Entendemos que este distanciamento dos cânones estabelecidos e definidores da denominada produção acadêmica, não inviabiliza o esforço e relevância do seu trabalho no sentido de nos auxiliar na compreensão do passado desta cidade fornecendo informações para uma leitura mais holística de sua história.

A pretensão neste texto é o de abordar a obra de Natalino Ferreira Mendes a partir da perspectiva de sua contribuição historiográfica. Tendo este parâmetro como ponto de partida estabelecemos como propósito identificar os componentes que nos parecem salientes em seus textos. Ao percorrermos os trabalhos do autor podemos perceber como característica marcante sua preocupação com o registro de informações. Isto vale tanto para os que dizem respeito ao campo administrativo, assim como as relacionadas à memória da cidade de Cáceres, perpassadas pelos monumentos, logradouros, festas religiosas ou não em distintas temporalidades. Diríamos hoje, trata-se de uma construção historiográfica local com eventuais conexões ao plano regional e nacional.

Utilizamos como procedimento abordar os trabalhos em separado considerando que os três livros selecionados tratam de temas específicos. Para este intento lançamos mão dos seguintes títulos; *História de Cáceres: história da administração Municipal*¹⁷, *Memória cacerense* e, por fim, *Efemérides Cacerenses*.¹⁸ Guardadas as especificidades das informações e dados reunidos nas respectivas obras salientamos o fato do autor prescindir de referenciais teóricos e problematizações, procedimentos presentes nos textos historiográficos em especial, mas, não de modo exclusivo, oriundos do campo acadêmico. Isto não desqualifica sua obra, mas aponta para um papel bem definido em que está situada, dito de outra forma, os textos primam pelo aspecto informacional e neste sentido muito útil para consultas, cotejamento de dados e verificação cronológica.

A dispensa efetuada pelo autor de procedimentos considerados basilares em toda e qualquer operação historiográfica agrega um aspecto que cabe salientar. Nos referimos ao fato de que seus textos podem ser lidos por estudantes do ensino fundamental e médio sem maiores dificuldades considerando sua fluência. Se por um lado este aspecto positiva sua obra, por outro

17 Doravante *História de Cáceres*.

18 A citação completa consta nas Referências bibliográficas.

compromete sua verticalização ao afastar a análise como um componente vital dos estudos e textos históricos. Exatamente por esta ausência é que tomamos seus livros como objetos de releitura. Podemos construir a partir do que está ausente em suas obras uma perspectiva promissora para trabalhos futuros do ponto de vista historiográfico.

Quando temos dúvidas pontuais acerca de informações sobre a historicidade de Cáceres, são suas obras que utilizamos para consulta, aliás, este propósito é caro ao autor e sem dúvida foi o eixo que norteou Natalino Ferreira Mendes ao redigir seus trabalhos. Dito de outra maneira, são obras para obtenção e verificação de informações. Nesta perspectiva pode ser utilizado tanto pelo pesquisador acadêmico interessado em sua releitura para melhor situá-las no interior da produção historiográfica local e regional, como pelos escolares e a comunidade em geral. Estamos, portanto, falando de públicos diversos com interesses distintos e que certamente dará aos seus livros tratamento diferenciado.

No caso dos estudantes interessados em conhecer por ordem cronológica as sucessivas administrações municipais, estes encontram na obra *História de Cáceres* farto material para pesquisa. Importa destacar que ao longo de sua vida Natalino Mendes atuou na gestão municipal em distintas funções, porém podemos afirmar que foi na labuta como educador que o autor encontrou sua realização maior. Este dado influenciou sua escrita tanto do ponto de vista da preocupação em tornar a narrativa inteligível aos não iniciados nos estudos históricos, como também é perceptível sua preocupação em diligentemente reunir informações para que estas não fossem perdidas no tempo e posteriormente reunir os dados coletados em suas publicações.

Como servidor público certamente sentiu a necessidade de catalogar e ordenar informações esparsas. Este paciente trabalho o auxiliou em demandas futuras seja como orador em solenidades oficiais, escritor e, também, em seu cotidiano no Executivo Municipal. Afinal, todos temos clareza que as relações sociais estabelecidas pelos seres humanos não é um dado desprezível como definidoras do lugar de onde fala o autor. Sua atuação junto ao aparelho burocrático municipal foi certamente uma experiência que agregou ao seu cotidiano a oportunidade de conviver com diferentes prefeitos e demais servidores em distintos momentos da vida política do município.

Neste aspecto não há dúvida, ele foi extremamente diligente e cuidadoso ao separar as informações, de datas, personagens, fatos e lugares da cidade de Cáceres e isto vale para as três obras.

É evidente que com o passar dos anos, surgem textos diversos produzidos principalmente por professores da Universidade do Estado de Mato Grosso que evidentemente apresentam procedimentos que desagüam em escritas diferenciadas em que é possível verificar a imprescindível presença de análises teórico-conceituais como prática basilar para enriquecer nosso conhecimento acerca do passado, do presente e do devir. Dito isto, não é demais alertar leitores e produtores do conhecimento histórico que em toda obra historiográfica e o caso em tela não é exceção, há saliências, reentrâncias, ocultações, revelações, em suma, há falas e silêncios.

História de Cáceres: registro e relato

Inicialmente cabe esclarecer ao leitor que não temos por intento realizar um estudo biográfico do autor, portanto, as informações expostas são sumárias. Pesquisas futuras podem realizar esta empreitada o que sem dúvida vai adicionar importantes elementos na construção de uma leitura mais holística da obra de Mendes. Tomamos como ponto de partida a constatação de que sem curiosidade e interesse em conhecer a história da região onde nasceu e viveu toda a sua vida, não seria possível a consecução dos trabalhos produzidos pelo autor. Natalino nasceu em 1924 e ainda jovem para dar continuidade aos estudos foi residir em Cuiabá. Aliás, única opção aos interessados em dar prosseguimento aos estudos, considerando a inexistência em Cáceres de instituição responsável pelo que atualmente denominamos de ensino médio. Em entrevista realizada com o autor, este nos relatou que a viagem a cavalo entre Cáceres e a capital de Mato Grosso levava em média sete dias. Este depoimento demonstra de forma inequívoca o interesse pelos estudos ainda na adolescência.

Outro ponto que consideramos importante na trajetória profissional do autor é o fato de ao longo de sua condição de servidor público e sua proximidade do aparato burocrático municipal certamente ter percebido a necessidade de reunir, anotar, catalogar e ordenar informações esparsas. Trabalho que o auxiliou em demandas futuras seja como orador em solenidades oficiais, professor, escritor e, também, em seu cotidiano no Executivo Municipi-

pal como gestor responsável em distintos períodos pela Secretaria de Administração, de Desenvolvimento Social e na Chefia de Gabinete da Prefeitura. Além destas atividades foi também professor e diretor em estabelecimentos de ensino público e privado. Este amálgama de múltiplas experiências, sem dúvida foi copartícipe da escrita do autor.

Faremos uma afirmação ainda hipotética, no sentido de que Natalino Ferreira Mendes era movido por uma “angústia”, se assim era percebida por ele, novos estudos podem abordar a questão e melhor esclarecê-la. Estamos nos referindo precisamente na preocupação transformada em método de trabalho ao reunir e procurar de modo metódico todo o material passível de utilização na formulação de seus escritos sobre a cidade de Cáceres. Cedo o autor percebeu o pouco apreço que, via de regra, as instituições públicas possuíam e de certa forma ainda possuem pela guarda e preservação das diversas fontes documentais. Entendemos que este aspecto foi nodal na sua relação com os vestígios do passado cacerense ao realizar o trabalho de seleção, coleta e ciosa organização de todo o material recolhido ao longo de sua vida. O objetivo é claro, perenizar às futuras gerações as informações recolhidas utilizando-as em seus escritos. Ousamos dizer que temos neste caso um misto mais de arquivista, memorialista, cronista e menos de historiador propriamente dito. Estas facetas, ora mais, ora menos, adquirem maior ou menor expressividade em seus trabalhos.

Feitas estas observações preliminares adentremos um pouco mais nos trabalhos produzidos por Mendes. Com este propósito iniciamos nossas observações tendo como objeto o livro *História de Cáceres*. Este trabalho foi editado inicialmente em 1973, com nova reedição no ano de 2009. Na capa da primeira edição consta a informação Tomo I, não há dados referentes à tiragem e edição. Já a segunda edição, revista e atualizada pelo autor, foi produzida pela Editora da e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat).¹⁹

A primeira publicação trata do histórico administrativo de Cáceres desde sua fundação em 1778 até o ano de 1973. Já a reedição do livro amplia o recorte até o ano de 2008. A composição da obra pode de modo esquemático ser dividida em três partes, o que vale para as duas edições. A primeira

19 Unemat: Universidade do Estado de Mato Grosso. Fapemat: Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Mato Grosso.

parte da obra é dividida em quatro capítulos e cobre o período colonial e monárquico, com informações gerais remontando aos bandeirantes paulistas. A segunda, bem mais extensa e que perpassa todo o período republicano ocupa dois terços do livro e sequência as administrações municipais até o ano de 1973. A terceira e última parte, trata do que o autor define como: “Flagrantes da nova Cáceres”. São matérias extraídas de periódicos acerca do município onde política e economia ocupa o papel central.

Como Mendes utiliza distintas nomeações pelas quais passou a cidade de Cáceres desde sua fundação, optamos com base em seu trabalho e fontes diversas elaborar o quadro abaixo de modo a facilitar ao leitor o período em que perdurou determinada designação com a respectiva cronologia.

DATA	DENOMINAÇÃO
06/10/1778	Povoação de Vila Maria do Paraguai
1780	Freguesia de São Luiz da Vila Maria do Paraguai
26/06/1850	Vila de São Luiz do Paraguai
30/05/1874	Cidade de São Luiz de Cáceres
26/10/1938	Cáceres

Fonte: Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/OneDrive/Documents/cmrodrigues,+Zattar.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2024.
Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/historico>>. Acesso em: 1 abr. 2024.

Dito isto a primeira observação com relação ao livro *História de Cáceres* é o grande número de informações elencadas como datas, aspectos relacionados ao povoamento da localidade, dados sobre economia, densidade populacional, mapas, nomes de ruas, cerimônias, festas, personagens, fatos, lugares da cidade, entre outras. Fica evidente ao leitor que diante da pluralidade de temas inseridos no texto não há uma verticalização no tratamento dos mesmos, ao contrário, o que verificamos em função da concisão dos pontos abarcados pelo autor é que estes funcionam mais como possível indicação para futuros estudos historiográficos.

Parte expressiva do livro como já mencionamos é um arrolamento sequencial das distintas gestões municipais e estaduais desde o período Imperial. Cabe aqui esclarecer que nas duas edições da obra com relação ao período monárquico são citados os nomes dos governadores de Mato Grosso de 1859 a 1889. Apesar do trabalho de remontar ao período colonial e o Império, não há na obra informações sobre o funcionamento da Câmara Municipi-

pal da Vila de São Luiz do Paraguai, posteriormente denominada cidade de São Luiz de Cáceres. A nomeação individualizada dos administradores só ocorre a partir da criação da figura do Intendente Geral e a primeira eleição para este cargo em 1892. Este é o ponto de partida para Mendes sequenciar todos os demais responsáveis pelo Executivo Municipal, com o respectivo período do mandato, como já foi mencionado, até o ano de 2008.

Em edição de 2009 do livro *História de Cáceres*, Natalino Mendes complementa os dados referentes ao Executivo Municipal com a inserção das administrações de 1973 a 2008.

INTENDENTES GERAIS	NÚMERO
1893-1931	14
PREFEITOS MUNICIPAIS	NÚMERO
1931-1971	21
PREFEITOS MUNICIPAIS	NÚMERO
1973-2008	11

Fonte: Mendes (1973 e 2009).

A preocupação fundamental do autor é realizar o registro das administrações responsáveis pela gestão do município enumerando suas realizações, os atores envolvidos, quando e em quais circunstâncias foram empreendidas e o significado delas para a cidade de Cáceres. O leitor não constatará a presença de análises, de observações contrastantes, de opiniões divergentes, significa dizer de problematizações e questionamentos. Foi sem dúvida uma estratégia do autor, no sentido de realçar os aspectos informacionais da obra, tornando-a um texto de consulta no sentido de auxiliar os estudiosos em sanar dúvidas pontuais ou cotejar dados obtidos em trabalhos diversos e demais fontes documentais. O fluxo da descrição é eminentemente cronológico. Para a realização da obra utilizou documentação atinente ao município oriunda sobretudo dos canais oficiais institucionais, o Executivo o Legislativo, além de periódicos.

Uma questão que apenas de modo parcial pode ser respondida diz respeito às influências das obras históricas presentes em sua escrita. Temos ciência que não são apenas os trabalhos constantes nas bibliografias das obras, os responsáveis por sua consecução. A formação educacional é per-

curso de uma vida e a interação experimentada desde a infância percorre as diferentes fases educativas e atua de modo poderoso no pensamento e composição de um trabalho com as evidentes mudanças ao longo do tempo. Ao verificar em seus livros o correspondente aporte bibliográfico como no caso da obra *História de Cáceres*, fica patente o predomínio de autores locais dedicados aos estudos da região mato-grossense. Podemos observar que neste caso consta da bibliografia quinze obras relacionadas à Mato Grosso de um total de vinte e dois autores. Para um quadro mais amplo, utiliza quatro textos relacionados à história do Brasil e um especificamente sobre Rondon, além de arquivos locais da Câmara Municipal e Prefeitura de Cáceres e um total de três periódicos.²⁰ A iconografia apenas ilustrativa inserida no trabalho é em boa parte retirada do *Album Graphico do Estado de Matto-Grosso*, obra referenciada na bibliografia de sua obra, assim como demais imagens obtidas contemporaneamente pelo autor quando de sua atuação no quadro administrativo da Prefeitura, neste caso não são citados os arquivos de onde foram reproduzidas.

Natalino Mendes e a história cronológica do factual

Algumas características estão fortemente presentes nos trabalhos do autor como por exemplo, o indiscutível viés positivista e alguns de seus corolários, em especial o de pensar o “processo histórico” em permanente “evolução” e de onde devemos extrair ensinamentos para a construção do devir. Na escrita de Mendes não há controvérsias quanto ao fato de se a história fica tensionada entre ficção e ciência. Ao contrário, o que fica evidente para o autor é a característica indiscutível dos dados e informações relatadas extraídas dos documentos, logo, inquestionáveis. É como se Natalino Ferreira Mendes dissesse a ele mesmo que conta o fato como realmente ocorreu. Uma espécie de cultivo exacerbado da ambição científica da história. A respeito desta perspectiva de abordagem inúmeras reflexões foram produzidas pela historiografia ao longo do século XX. Em certa medida parte delas também presentes em *Memória Cacerense*, trabalho ao qual são feitas considerações mais adiante. Mendes pensava que a reprodução documental por si só, bastava para ter acesso ao “real” sem se dar conta, o que é compreensível, dos

20 Estão referenciados os periódicos, A Razão, O Combate e Argos.

permanentes significados e ressignificados adquiridos pelas fontes, abordagens, métodos e temáticas do campo historiográfico em temporalidades distintas. O autor acreditava a partir de seu ponto de vista que ao manusear a documentação garantia com este procedimento o acesso à “verdade”.

Os pontos mencionados e ostensivamente presentes em suas obras não constituem um dado novo no universo dos estudos históricos. Entendemos ser prudente reproduzir algumas reflexões sobre estas questões tomando como referência as análises de historiadores como por exemplo, acerca do papel de exemplaridade da história onde Dosse remonta aos gregos ao afirmar:

A última determinação de Tucídides é política, no interior da configuração ateniense. O elo entre indivíduo e cidade é tão estreito que o primeiro só pode se realizar no segundo. Tucídides confere, pois, à sua obra de historiador uma virtude pedagógica em matéria política e, a esse título, ele definiu uma função que conhecerá grande futuro: **o das lições da história**. (Dosse, 2003, p. 23). [Grifo nosso].

Para Mendes uma das razões para o estudo do passado é utilizá-lo no processo formativo de caráter cívico, mesclado pelo sentimento de nacionalismo, atrelado ao contínuo progresso, assim como fizeram os franceses e alemães nas primeiras décadas do século XIX. O conhecimento histórico não apenas informa, mas sobretudo forma. Deixemos que fale o autor quando das comemorações do Sete de Setembro em Cáceres. Quando da abertura da oitava Exposição Agropecuária de Cáceres, a cidade recebeu a visita do Ministro da Agricultura e o governador do Estado José Fragelli. Ao descrever o evento reproduz o autor as palavras das autoridades nos seguintes termos:

[...] o ilustre visitante Sr. Fernando Luiz de Cirne e Lime, agradeceu as homenagens recebidas falando do marcante **progresso do Brasil** em todas as regiões até mesmo as mais longínquas. [...] Encerrou a solenidade o Sr. governador do Estado, para abordar vários assuntos da sua administração, frisando que Mato Grosso possui um território muito grande, um dos maiores do Brasil, e que dois terços dele ainda desabitado, o que quer dizer, será este Estado a **plataforma do Brasil no futuro**. (Mendes, 1973, p. 272). [Grifo nosso].

Na perspectiva do autor este é o papel central da história, ou seja, servir como guia e para isto o caminhar da humanidade não pode ser pensado fora de uma trajetória que não aponte para sua constante evolução. Para atingir este desiderato os procedimentos adotados por Mendes na elaboração de seus trabalhos estão fundamentalmente centrados em reunir determinadas informações esparsas ordenando-as de modo cronológico. Neste sentido, o autor foi por excelência um sistematizador ao anotar, registrar e de modo meticuloso ordenar legando a estudiosos futuros material de pesquisa. Em parte, pensamos que a forma como constrói seu universo referencial em meios aos dados coletados apresenta uma clara face herdada e imbricada com as atividades burocráticas que ao longo de sua vida desempenhou aliada à sua atuação no campo educacional em Cáceres. Suas obras têm como primazia mencionar os eventos, sem, no entanto, analisá-los. O propósito é tão somente do registro, onde o documento fala mais alto. Em estudos futuros será possível apontar os autores e autoras que em alguma medida influenciaram Mendes, mas nas dimensões deste artigo optamos por não fazer inferências acerca deste ponto. Este papel da história como “iluminadora” do futuro e garantidora do progresso esteve em voga na França no século XIX e início do XX e segundo Reis:

Os ‘positivistas’ franceses praticarão os mesmos princípios defendidos por Ranke, mas traduzidos para o espírito francês. [...] O Iluminismo que sustentará essa historiografia metódica francesa será aquele evolucionista, progressista, gradualista, anti-revolucionário, mas atualizado pela filosofia comtiana e seu ‘espírito positivo’ bem como influenciado pelo evolucionismo darwiniano. (Reis, 2004, p. 20).

Do ponto de vista teórico, cabe destacar com relação a datação que mesmo não sendo um componente vital da escrita historiográfica e de certa forma tido por alguns historiadores como supérflua, nem todos endossam esta posição e sua aplicação não deve ser desconsiderada nos estudos históricos. Afinal, sua presença situa o leitor temporalmente localizando-o na cronologia dos fatos descritos. O historiador norte-americano Lowenthal, em trabalho já há muito divulgado, salienta acerca deste ponto na escrita histórica que não podemos exorbitar no uso da cronologia partindo do princípio de que texto histórico é o simples arrolamento de fatos e suas respectivas da-

tas e em outro extremo, como é o caso de determinadas abordagens temáticas tratar a datação como um dado desprezível. O autor aborda esta questão nos seguintes termos:

Todavia, perde-se muito ao abrir mão de datas e narrativas; os acontecimentos são confundidos numa miscelânea de épocas e impérios, figuras e movimentos sociais significativos são deixados à deriva em relação a qualquer período específico. A assim chamada história temática – por exemplo, estudos que misturam as diversas revoluções como a puritana, a francesa, a americana, a russa, a cubana – traça paralelos que iluminam, mas menosprezam o fato de que as pessoas em cada uma dessas épocas viveram vidas, agiram baseadas em motivos, e moldaram situações que eram bem diferentes. A compreensão do passado requer alguma consciência da localização temporal de pessoas e coisas; uma estrutura cronológica esclarece, coloca as coisas em contexto, demarca a singularidade indispensável dos eventos passados. (Lowenthal, 1998, p. 125).

Não podemos, portanto, superestimar e nem subestimar a presença da cronologia cientes de que ordenar os acontecimentos pode ser extremamente útil em trabalhos de consulta como é o caso da *História de Cáceres* que em seu subtítulo não deixa dúvidas a que veio, ou seja, narrar as ações da administração pública municipal. Este é o propósito. Assim tipificada, sua função maior está na busca e registro de informações específicas de quando, onde e como os eventos ocorreram e os respectivos atores envolvidos, ainda que os fatos em si não sejam problematizados.

Não há conformidade com relação ao tema da cronologia e historiadores diversos o pensam de modo distinto, como é o caso de Ankersmit baseado em Mink que reflete sobre este tópico nos seguintes termos:

As datas que temos são de um significado meramente preliminar para a visão histórica; tudo o que é de real importância para a crítica histórica só começa após deixarmos o tempo e a cronologia para [a] trás. As maiores obras-primas da escrita histórica do século XX raramente mencionam datas. Por isso, temos todas as razões para concordar com a tese de Mink ‘de que o tempo não é a essência da narrativa’. Mais ainda, é a essência das narrativas históricas para *apagar* ou para *transcender* o tempo, tanto

quanto possível; a narrativa histórica deve colocar o tempo em segundo plano, ou melhor ainda, eliminá-lo. (Ankersmit, 2012, 315).

Para Natalino Mendes datar é fundamental e registrar e o relato basta. Aqui reside a importância de seu trabalho, como fonte de consulta sendo este seu propósito maior. Outro aspecto é não permitir com sua escrita o esquecimento do que ele considera importante ser preservado e conhecido a partir de sua ótica e concepção. Considerando que estamos em um país de pouco apreço pela preservação memorial, esta predisposição do autor em tela não é pouco.

Outro aspecto bastante presente no debate historiográfico trata da leitura feita sobre o *acontecimento* o que produziu e ainda produz fortes reverberações no interior da operação histórica. Trazemos este ponto para esta análise em função do uso frequente da abordagem do documental e em certa medida como seu corolário a cronologia histórica por parte do autor.

Os estudos historiográficos já há várias décadas aponta que não devemos tratar do *acontecimento* em si e muito menos apenas relatar, mas principalmente abordar a forma de como é dada sua construção no tempo. Natalino Mendes oferece em seus trabalhos tão somente o relato, cabe ao historiador de ofício pensá-lo e através de referenciais teóricos, conceituais e categorias do campo historiográfico desenvolver sua análise.

O modo como o autor dispõe os fatos não deixa dúvidas de que Cáceres caminha de forma inexorável em direção ao progresso. Essa é sua percepção e leitura. É a escrita que na segunda metade do século XIX foi definida como escola *metódica* alemã e atribuía à história o papel de trabalhar em prol do progresso humano no interior de uma perspectiva linear. Ainda que não haja qualquer referência em seus livros a esta escola historiográfica, a forma como Natalino Mendes discorre acerca da história do município recebeu com certeza influência de autores nacionais cultivadores desta abordagem. A similaridade com esta corrente em voga na França, entretanto termina aqui, pois não há em *História de Cáceres* a regra então considerada basilar para os historiadores europeus na formulação do texto historiográfico, o então procedimento da crítica externa e interna do documento utilizado como pré-condição fundamental na produção da história científica. Há nos

trabalhos do autor um certo fetichismo do documento. Para Mendes, neles repousa a verdade e o fato exatamente como ele se deu. Não sem razão, na parte inicial do livro citado, o autor transcreve na íntegra a ata de fundação da cidade, verdadeiro e compreensível elogio às origens. O começo de tudo. Segundo Carlos Reis esta corrente historiográfica entendia a operação histórica nos seguintes termos:

O historiador para eles, narra os fatos realmente acontecidos e tal como eles se passaram. Os fatos ‘narráveis’ eram os eventos políticos, administrativos, diplomáticos, religiosos, considerados o centro do processo histórico, dos quais todas as outras atividades eram derivadas, em seu caráter factual: eventos únicos e irrepetíveis. (Reis, 2004, p. 18).

Estas características estão por demais presentes nos estudos históricos de Natalino Mendes. Ao tratar da história administrativa de Cáceres pareado com a respectiva cronologia nos deparamos com uma relação das ações de sucessivos prefeitos entremeadas com informações adicionais transcorridas durante os respectivos mandatos. O autor acredita que a enumeração dos feitos basta e esta característica marca a sua produção nas três obras analisadas. Ambiciona a fidedignidade, porém ser fidedigno não nos isenta como historiadores, de escolhas e de opções. O autor fez a sua, ao eleger como temática o exercício do Poder Executivo através dos atos praticados pelos mandatários sem a presença de perguntas e questionamentos, pontos aliás por demais presentes na escrita historiográfica a partir da ótica em especial francesa de forte influência em nosso país nos anos 1960 em diante. Desta observação extraímos e reforçamos o caráter informativo de seu trabalho a servir de base para problematizações dos estudos historiográficos contemporâneos. Sua obra *História de Cáceres* apesar de não incorporar os elementos renovadores dos estudos do político nos lega material para futuras investigações. A historiografia política, em especial ao longo dos anos 1970 procurou e em alguns casos tomou como verdadeira *profissão de fé* suplantando de modo vigoroso os estudos até então produzidos no campo da história política do final do século XIX e início do XX. Ao retomar o campo político foi verificado que o problema não era propriamente a temática, ou com o objeto (palavra forte

na historiografia contemporânea) mas a forma como era pensado, a maneira como era operado²¹.

Deixemos bem claro que não se trata do descarte do *acontecimento*, pois em se tratando de escrita historiográfica, cultivar esta ambição em nosso ofício é no mínimo um equívoco. Neste aspecto, Veyne (1987, p. 14) com procedência afirma que: “A história é narrativa de acontecimentos: todo o resto daí decorre”. Em seus trabalhos em especial *História de Cáceres*, Natalino Ferreira Mendes chancela as sucessivas administrações municipais, afinal parte das fontes utilizadas são oriundas de seu local de trabalho e em sua operação histórica entende o documento como portador da “verdade”. Este ponto abre perspectivas interessantes no sentido de melhor perceber de onde fala e constrói Mendes os seus textos, os propósitos com que foram produzidos e a que público estava destinado, são algumas das perguntas a serem respondidas. No nosso entendimento esta obra é um relato oficial e produz apagamentos de vozes que com o caminhar dos estudos historiográficos ao repensar seus relatos e narrativas retoma estes falantes, reside neste ponto um dos elementos a serem repensados. Silenciar e expor são características de textos historiográficos vinculados à distintas correntes e filiações teóricas, desde os que exorbitam a presença dos personagens tomando o puro e simples registro como ponto central até o abandono em nome de uma narrativa “estrutural” separando-a das vidas humanas. Diríamos que tanto uma orientação como a outra têm dificuldades em estabelecer um ponto de equilíbrio, porém é fundamental que os personagens tenham densidade e não sejam obliterados pela teorização ostensiva ou pela escrita demasiadamente positiva. Um equilíbrio difícil, porém, extremamente enriquecedor dos estudos históricos. Acerca deste ponto as palavras de Durval Muniz nos parecem por demais procedentes ao afirmar:

Como poderemos tornar a História um saber sedutor se ela não tem corpo, se seus personagens estão mortos e parecem mesmo com defuntos conservados em formol? Como pode seduzir os vivos algo que não tem vida, que se faz por fórmulas conceituais? Como dizia Nietzsche, a história

21 Não é o propósito deste texto adentrar na extensa análise da denominada nova história política, seus temas, objetos e abordagens. A menção tem apenas o propósito de destacar que o estudo do político foi enriquecido sob todos os aspectos e não guarda similitude com o predomínio desta corrente ao longo do século XIX e primeiras décadas do XX.

conceitual é uma monstruosidade, é o resfriamento do que é calor e vida, é a mumificação do que foi vivo e quer ainda respirar. Como podemos atrair os leitores da História para personagens que não têm sexo, não desejam, não brincam, não jogam. (Albuquerque Júnior, 2007, 175).

A assepsia adotada por Mendes em História de Cáceres de certa forma se, por um lado afasta o leitor, por outro o aproxima, se este toma a obra como desafio no sentido de problematizar os personagens, de adensá-los e de finalmente os apreender não apenas como dados, mas passíveis da leitura crítica.

Memória cacerense ou era uma vez...

Este subtítulo não deve causar estranheza considerando o modo como foi escrito a obra *Memória Cacerense*. Como observou Elizabeth Siqueira na introdução do livro, salienta que Mendes mescla “... *competência, muita pesquisa, excelente memória e extrema sensibilidade, o autor convida-nos a um passeio pela região de Cáceres...*” (Madureira, 1998, p. 7). Esta é sem dúvida a impressão mais forte causada por seu trabalho, vez que assim como o livro anteriormente analisado se a ausência de referenciais teóricos e conceituais o afasta do campo acadêmico, o aproxima pela agradabilidade da leitura do público não especializado em virtude da fluência da narrativa. A relação de proximidade com os tópicos relatados na obra em parte é garantida por Mendes ao lançar mão do exercício da memória, como veremos a seguir. Podemos acrescentar que neste processo é possível perceber o nítido entrelaçamento das memórias do autor sendo perpassada pela memória coletiva.

O tema da relação memória e história já rendeu inúmeras reflexões no campo dos estudos historiográficos, filosóficos, etnográficos e psicológicos, apenas para citar algumas áreas de investigação. A parceria para a formulação de estudos históricos via utilização da memória não foi de todo amistosa, porém o entrelaçamento das distintas perspectivas está consolidado como veremos adiante. Mesmo nos anos 1970 quando a historiografia ampliava de forma significativa seus horizontes temáticos e suas operações a percepção era a de que “A memória, assim como o patrimônio, ainda não era considerada entre os novos objetos ou as novas abordagens. De fato, mesmo que os

historiadores tenham sempre lidado com a memória, eles quase sempre desconfiavam dela”. (Hartog, 2015, p. 158).

Este afastamento e posterior aproximação entre história e memória é relativamente recente. Inicialmente os estudos historiográficos não consideravam os trabalhos com fontes orais onde a memória ocupa lugar de destaque como crível e capaz de fornecer com confiabilidade as informações necessárias aos pesquisadores. Este quadro mudou e a história oral garante o seu lugar com trabalhos consistentes e tratamento rigoroso das fontes, firmando seus estudos no campo acadêmico. O historiador Philippe Joutard esclarece com procedência acerca deste encontro entre duas perspectivas de abordagem do passado ao afirmar que:

A reconciliação começa com este mútuo reconhecimento dos limites da memória e da história: investir-se, uma e outra, de modéstia, e saber que as aproximações do passado são parciais.

Conclui-se, assim, que os dois campos se fortalecem a partir da mútua colaboração.

[.....]

E por fim a história não pode ser a ressurreição integral do passado, mas a memória pode lhe fornecer o fio de Ariadne, o vínculo carnal do qual, ela ainda assim, tem a necessidade para tornar o passado inteligível. Ela faz escutar outras vozes que iluminam os fragmentos de realidades passadas (Joutard, 2007, p. 233).

Inicialmente deixemos claro que ao considerar textos que utilizam da memória para sua composição, apenas lança mãos de mais um recurso disponível no sentido de apresentar uma leitura inteligível do passado. Não se trata, portanto, de hierarquizar as fontes como mais, ou menos valorosas para a escrita historiográfica. Evidente que Natalino Mendes procura com seu testemunho situar seu lugar em meio ao conjunto memorialístico com os quais lidou ao longo de sua vida e deste modo constrói de forma concomitante sua memória.

Cabe também salientar que a obra *Memória Cacerense*, assim como a anteriormente analisada, em boa medida, oferta aos estudiosos múltiplas temáticas a serem tomadas como ponto de partida para releituras por parte dos historiadores de formação. É oportuno lembrar que ao construir e re-

construir o passado ou, como no caso de Mendes, também o tempo presente, podemos referendar, refutar, criticar e situar os textos historiográficos de sua autoria, este é um dos papéis primordiais da historiografia.

Há no trabalho em tela produzido por Natalino, o propósito explícito em compartilhar suas memórias, a forma como lia a cidade de modo que a experiência vivenciada pelo autor não pereça. Mais uma vez temos presente neste livro seu esforço diuturno na luta contra o esquecimento. Não sem razão o autor em determinados momentos utiliza fontes diversas, sejam escritas, iconográficas e extraídas de periódicos que adensam e complementam suas memórias. Uma estratégia utilizada pelo autor como forma de atestar positivamente suas impressões e relatos. Podemos afirmar que o livro *Memória Cacerense* guarda similitude com o trabalho realizado por cronistas ao relatar episódios do cotidiano da cidade de Cáceres.

Para melhor obter uma dimensão das temáticas coligidas em seu livro montamos o quadro abaixo com o título dos seus escritos destacando trechos que consideramos representativos da maneira como o autor pensa a cidade, sua relação com os fatos ocorridos e em alguma medida sua visão de mundo. Podemos através das transcrições perceber por ordem de exposição os seguintes pontos: a preocupação com o esquecimento nos dois primeiros quadros; no terceiro o papel da história como “mestra da vida”; a partir do quarto quadro até o quinto prevalece a abordagem nostálgica da narrativa com colorações edênicas da cidade e por fim, no sexto e sétimo quadros, o entendimento do processo histórico como ponta de lança do “progresso”, unidade nacional e cultura cívica.

TÍTULO	TRECHO EXTRAÍDO
1) A cadeia velha	“ Infelizmente , nenhuma foto se guardou desse velho casarão que marcou época e estilo. Só nos resta apelar para os artistas plásticos da Terra: vamos reproduzir na tela a desaparecida CADEIA VELHA de Cáceres”. (p. 20). [Grifo nosso].
2) Onze de julho	“O tempo passa, porém. A distância vai cobrindo de névoas certos fatos, até desaparecerem da mente. Rua do Alegre perde aos poucos a conotação com o acontecimento histórico. Passa a ser apenas Rua Alegre na linguagem popular, tornando-se a palavra alegre um adjetivo, com a simples qualidade que exprime”. (p. 81-82). [Grifo do autor].
3) De Freguesia a Vila Maria	“A memória de um povo não é apenas lembrança de fatos, mas sim um manancial de ensinamentos , que alimenta o presente e prepara o futuro”. (p. 68). [Grifo nosso].

TÍTULO	TRECHO EXTRAÍDO
4) Figueira Secular	“Nessas noites, o bairro, sem luar e sem luz artificial, dormia cedo, ao embalo das fábulas que as vovós contavam” (p. 204). E mais adiante: “Que de histórias, visões e saudades não nos contaria hoje a Figueira Secular do bairro mais antigo de Cáceres”. (idem). [Grifo nosso].
5) ‘Boulevard’ na praça da Matriz	“Infelizmente, não me foi possível conhecer o local exato que ocupara o Boulevard na Praça da Matriz, nem como fora planejado e executado. (Grifo do autor). Mais uma cena que desapareceu, na lenta evolução de nossa cidade” (p. 216). [Grifo nosso].
6) A perene busca de progresso	“Mas o que aconteceu algumas décadas depois, como vimos, foi a conquista dos espaços, ainda vazios e férteis do município, pelos próprios brasileiros dos diversos estados da Federação. O gênio criador e obstinado nacional para aqui se deslocou e produziu a explosão desenvolvimentista de Cáceres e a consequente multiplicação de novos pólos de progresso espalhados na sua primitiva vasta área territorial” (p. 149). [Grifo do autor].
7) Civismo: 7 de setembro, há 40 anos	“Cáceres foi sempre uma cidade em que se praticou o Civismo . Desde os tempos mais remotos, mostra-nos a história , o povo cacerense, pelos seus representantes, esteve atento ao desenrolar dos acontecimentos nacionais e internacionais, que aqui eram recebidos e comemorados, nos tempos mais recuados, com a iluminação das frentes das casas, passeatas e outras formas de expressar-se a reação da comunidade” (p. 21). [Grifo nosso].

Podemos perceber que neste trabalho de Mendes não há o desenvolvimento de um tema específico e sua correspondente trama perpassando toda a obra, ao contrário, o que vemos são fragmentos datados referentes à cidade de Cáceres. Como já observado, recortes estes onde o autor mescla a memória individual com as demais fontes disponíveis e ao seu alcance. Poderíamos replicar outras passagens, mas fica para trabalhos posteriores, as transcrições já feitas nos permitem afirmar que Natalino Mendes rememora o que lhe toca. Para os que pretendem estudar o autor importa observar como Mendes opera com suas lembranças ao delinear o que na sua percepção deveria não ser esquecido.

É evidente que os fatos, episódios e vivências relatadas por Mendes podem, devem e é fundamental que gerem novas abordagens. Os historiadores lidam com um campo do conhecimento onde tudo é fonte, tudo pode ser lido e relido, pensado e repensado a partir de novas abordagens e perspectivas. Sendo historiador com formação acadêmica ou autodidata como é o caso, tanto expomos, como omitimos. O importante para Mendes, a partir da percepção de como lê o mundo era necessário não esquecer.

Ele observa, ele acompanha e arquiva informações. E com certeza tinha ciência de que conhecimento é poder. Natalino Mendes demonstra também sensibilidade, ao tratar de temáticas atinentes ao município seja de sua autoria valendo-se da memória como uma espécie de testemunha ocular ou extraídos de autores diversos. Um ponto que consideramos de suma importância na composição deste livro.

As efemérides cacerenses

Por fim faremos algumas rápidas considerações sobre o livro *Efemérides Cacerenses*, considerando as dimensões deste trabalho. Em linhas gerais é possível afirmar que esta obra tem como referência o trabalho intitulado *Datas matogrossenses* de Estevão de Mendonça, considerando a forma como foi composto. Não é propriamente um estudo de biografias coletivas, o que historiograficamente denominamos de estudo prosopográfico, aliás não tem este propósito, entretanto, apresenta volumosa informação de personagens da cidade de Cáceres e eventos diversos, expostos alguns de modo detalhado. Constituí material útil a ser utilizado para a obtenção de informações em futuros estudos mais detalhados e densos. O livro traz um índice onomástico que facilita sobremaneira ao leitor ou pesquisador a localização dos personagens sob os quais pretende desenvolver seus estudos.

A prosopografia pode ser sumariamente definida nos seguintes termos:

A prosopografia reúne dados biográficos de um grupo de atores históricos que têm algo em comum, seja uma função, uma atividade, ou ainda uma posição social; ela é, portanto, um ‘estudo coletivo’ de suas vidas [...] Em suma, a prosopografia permite, graças à biografia, um gênero histórico mais tradicional, tratar um grupo social em seu conjunto. (Roy & Saint Pierre, 2006, p. 204-205).

A prosopografia adquiriu nos anos 1980 em diante uma valoração quando a questão é compor quadros que nos auxiliem a melhor perceber os percursos de formação e inserção de aspirantes no interior do campo político, conformando o que com o devido cuidado pode ser assemelhado como

“rito de passagem” para acesso ao “Clube”.²² Não podemos evidentemente generalizar que a existência por si só das elites prenuncia mecanismos de seleção, inserção e construção de carreiras políticas. Esta variante pode estar mais ou menos presente nas práticas e cultura política de uma região, estado ou nação em função de especificidades locais no processo de recrutamento e aceite pelos pares, de modo a garantir a constituição de capital político entre os atores envolvidos.

Não há na obra o intento em compor um quadro focando as atenções apenas nas elites políticas, haja vista os inúmeros personagens expostos nos dois volumes que guardam relação com determinado evento ocorrido em data específica sem necessariamente ter atuação no campo político. É um trabalho que exige disciplina e conhecimento para coletar em fontes esparsas, em distintos formatos de documentos quando não em locais diversos, as informações necessárias na composição de cada um dos eventos.

Das três obras constantes neste artigo esta é a que possui maior volume de informações e sem dúvida deve ser consultada quando do estudo de questões relacionadas à história de Cáceres, isto vale para o século XIX e XX.

Para finalizar cabe ressaltar mais uma vez o forte viés de exemplaridade atribuído ao conhecimento histórico em consonância com as duas obras analisadas anteriormente. A apresentação do livro é feita pelo vereador Hênio Maldonado nos seguintes termos:

As Efemérides Cacerenses, são mais do que atuais, elas avançam e falam para o futuro, **é o espelho, é o guia, é a bússola**, para nossos estudiosos que desejarem conhecer *Cáceres*, seu passado-presente, sua gente, seu dinamismo e idealismo. O livro aí está. Belo. Majestoso. Depositário de informações históricas, geográficas, políticas e sociais sobre Cáceres (Maldonado, 1991, p. 10). [Grifo nosso].

Em síntese, o “sentido” maior da história é nos servir de “lição”.

22 Expressão utilizada por José Murilo de Carvalho ao tratar da formação da elite Imperial no Brasil que almejava principalmente exercer mandatos eletivos na Câmara e Senado Federal.

Conclusão

Procuramos dentro do possível tornar a leitura deste pequeno artigo acessível aos iniciados e não operadores do conhecimento histórico. É um desafio na contemporaneidade diante da tecnologia da informação e seus atrativos como a imagem, o som, através do simples toque dos dedos acessar pelo smartphone grande número de informações que concorre com os livros e torna ainda mais angustiante atrair o estudante para as páginas impressas. Neste sentido, a obra *Memória Cacerense* pode constituir em material adicional ou complementar no estudo da cidade de Cáceres, desde que utilizado de modo adequado. A seleção dos fatos relatados feita pelo autor, por si só constitui material de análise e em nossa percepção é um exercício adequado seja utilizado como texto adicional no ensino superior e médio.

Os leitores interessados em conhecer por ordem cronológica as sucessivas administrações municipais encontram na obra *História de Cáceres* em ordem sequencial os nomes e ações desenvolvidas por cada um dos gestores. Trata-se de um arrolamento das distintas gestões, com alguns acontecimentos e imagens. Não há uma preocupação com a análise propriamente dita, como já observamos, mas apenas em relatar informações consideradas importantes por parte do autor.

Já os interessados em um texto mais arejado encontram em *Memória Cacerense* passagens sobre o dia a dia da cidade, numa linguagem apazível de fácil entendimento e destinado ao grande público. Por fim *Efemérides Cacerenses* interessa mais aos pesquisadores em busca de informações pontuais acerca dos mais diversos atores sociais.

Em síntese são estas considerações que entendemos do nosso ponto de vistas as mais relevantes como um primeiro exercício de aproximação no intuito de melhor apreender as motivações e inquietações que porventura pautaram a vida de Natalino Ferreira Mendes numa perspectiva historiográfica e sua consequente produção.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.

AYALA, S. Cardoso; F. SIMON(Org.). *Album Graphico de Matto Grosso*. Corumbá/Hamburgo: s/ed., 1914.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite imperial*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

DOSSE, François. *A história*. Bauru: Edusc, 2003.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

JOUTARD, Philippe. Disponível em: <<http://escritos.rb.gov.br/numero01/sumario01.php>>. Acesso em: 27 mai. 2024.

LOWNENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto história: *Revista do Programa de Pós-Graduação de história*, São Paulo, v.17, p. 63-201, nov. 1998.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: história da administração municipal*. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 1973.

_____. *Efemérides Cacerenses*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1992.

_____. *Memória cacerense*. Cáceres: Carlini & Caniato, 1998.

_____. *História de Cáceres: história da administração municipal*. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 2009.

MENDONÇA, Estevão de. *Datas matogrossenses*. Niterói: Tip. Salesiana, 1919.

REIS, José Carlos. *A História, entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROY, Fernand e SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais em Quebec (1850-1920). In: HEINZ, M. Flávio. *Por outra história das elites*. (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1987.